

TEOLOGIA E PIEDADE: A DUPLA FACE DA FÉ CRISTÃ

THEOLOGY AND PIETY: THE DOUBLE FACE OF THE CHRISTIAN FAITH

Dr. Reinaldo Arruda Pereira¹

RESUMO

O presente artigo trata de um desafio histórico da fé cristã: não dissociar a teologia da piedade e nem a piedade da teologia. Fundamentando-se na Bíblia, que é o paradigma escriturístico para o pensar teológico e para a vivência piedosa, afirma-se a relação e a pertinência entre teologia e piedade. Esse atrelamento entre teologia e piedade é que dá, a uma e a outra, não só a possibilidade de dinamismo e atualização, mas também a capacidade de manter o seu princípio fundante que é a revelação. Com isso, é possível demarcar a inexistência da polaridade e da ambivalência entre teologia e piedade.

Palavras-chaves: Teologia. Piedade. Bíblia. Enraizamento. Serviço.

ABSTRACT

This article is about the historical challenge of Christian faith: not dissociate the theology from piety and also the piety from theology. Basing on the Bible, which is the scriptural paradigm to the theological thought and to the pious experiences, it is stated the relation and relevance between theology and piety. This linkage between theology and piety is what gives one another the possibility of dynamism and updating, but also the capacity of keeping it founding principle that is

¹O autor é Doutor em Ciências da Religião, Mestre em Educação e Graduado em Teologia, Pedagogia e Filosofia. É professor e gestor da Pós-Graduação em Teologia da FBMG. E-mail: reinaldoarrudapereira@yahoo.com.br, prof.reinaldoarruda@redebatisa.edu.br

revelation. With this, it is possible to demarcate the nonexistence of the polarity and ambivalence between theology and piety.

Keywords: Theology. Piety. Bible. Rooting. Service.

INTRODUÇÃO

Um homem não se torna teólogo por compreender, ler e especular, mas por viver, morrer e ser sacrificado (Lutero).

A reflexão a respeito do tema teologia e piedade foi desencadeada num espaço e tempo especiais: a sala de aula. Foi neste lugar de excelência, de aprendizado e de construção de conhecimento, num curso de Pós-Graduação em Teologia Sistemática, que a ideia inicial deste texto surgiu. Com o término do curso, o desejo cresceu, as palavras ganharam sentido e as primeiras linhas começaram a ser tecidas e organizadas. O pensamento floresceu, a reflexão fluiu e as ideias foram amadurecendo, se articulando e ganhando a forma de texto.

Teologia e piedade são inseparáveis. Se “teorizadas” a partir da Bíblia, ambas são confirmadas por uma prática pensada e refletida, sem invenção desmedida e artificialismo. Na teologia e na piedade, portanto, todo pensamento e toda teoria a respeito do ser divino, para serem bem formulados, devem nascer da prática e do engajamento na comunidade de fé e ter sintonia com as Escrituras. Com efeito, somente pela junção entre teoria e prática e sua conectividade com as Escrituras é possível eliminar a polaridade e ambivalência entre teologia e piedade.

Teologia e piedade formam uma unidade. Essa unidade existe independentemente da ordem na qual se pensa os dois conceitos: se teologia e piedade, se piedade e teologia. A unidade existente entre elas permite que se cultive, em profundidade, as virtudes teológicas da fé cristã: a fé, a esperança e o amor, o que só tem sentido quando vivenciados em comunhão e em solidariedade com outros seres humanos. É essa a dinâmica do Evangelho e conseqüentemente da teologia e da piedade. Por isso, cada uma por si mesma, e também as duas juntas e harmonizadas, encontram-se numa base firme que é a Bíblia, a Palavra de Deus.

A teologia e a piedade, ambas na perspectiva cristã, possuem uma base sólida e consistente: a Bíblia. Assim, por causa deste fundamento, a pertinência entre teologia e piedade deve ser afirmada e assegurada, seja na reflexão e na busca do conhecimento teológico, seja no processo prático e experiencial da fé cristã. Isto é indicador de que fazer teologia e exercitar a piedade cristã exigem a combinação de diligência, temor, confiança, amor, reverência e compromisso com as Escrituras.

Ora, teologia e piedade cristã são exatamente isso: experiência com Deus e com sua Palavra. Essa experiência envolve a reflexão e o estudo comprometido e maduro na busca do conhecimento bíblico-teológico. Envolve também o encontro pessoal com Deus em que podemos dialogar com Ele, chorar diante dEle e nos alegrarmos nEle, confiando-Lhe toda a nossa vida. Teologia e piedade, juntas e sem qualquer ambivalência, são o conhecimento de Deus e as experiências com Deus. Em outras palavras, teologia e piedade são convites que recebemos para mergulharmos no “mistério” de Deus, Aquele que nos deu a sua Palavra.

Assim, o objetivo deste trabalho é afirmar a importância tanto da teologia quanto da piedade como fundamentais para a edificação espiritual do “crente” e da igreja, já que nenhuma delas pode prescindir da Bíblia, a Palavra de Deus. Ao dar relevo para a segunda parte do tema deste texto (“a dupla face da fé cristã”), o objetivo é caracterizar o tipo de teologia e de piedade que estamos pensando e ainda enfatizar que não há polaridade e nem ambivalência entre elas. Sem polarização e qualquer outro elemento inibidor e opositor, teologia e piedade se tornam verdadeiramente “convertidas” ao evangelho.

O que desejamos afirmar, então, é que a teologia e a piedade, devido à pertinência existente entre elas, não podem mais ser reduzidas a conceitos e práticas destituídas de sentido verdadeiramente cristão. Teologia e piedade cristã criam a abertura do coração e as condições necessárias para aceitarmos o dom de Deus, a vida que Ele nos oferece e a missão que nos é confiada. Em síntese, as duas juntas, sem qualquer polarização, nos ajudam a falarmos em oração a Deus: “Eis-nos aqui, venha o teu reino, almejamos fazer a tua vontade”.

1. A TEOLOGIA E O PARADIGMA ESCRITURÍSTICO²

Para o protestantismo, isto é, o segmento de igrejas cristãs protestante- evangélicas, a Reforma Protestante, no século XVI, foi um divisor de águas quando o assunto é a igreja, a teologia e a piedade. Desde aquele importante advento, a Bíblia foi estabelecida como um elemento central, tornando-se o paradigma para a teologia cristã e para a experiência de fé com Deus. Isso significa que a Bíblia foi colocada como o livro-texto, o livro-fonte, da Teologia e da reflexão teológica, pois é revelação divina.

Nas Escrituras, a pessoa de Deus e a Palavra de Deus estão

²No decurso deste trabalho, por “paradigma escriturístico” referimo-nos ao que se costuma chamar de Bíblia, Palavra de Deus, Escritura Sagrada (no singular ou no plural).

sempre inter-relacionadas, de modo que qualquer coisa que seja verdadeira sobre o caráter de Deus é também verdadeira sobre a natureza da Palavra d'Ele. Deus é verdadeiro, perfeito e confiável, portanto sua Palavra também o é.³

Em teologia, e em tudo que diz respeito à igreja, à experiência com Deus, ao pastoreio e à educação teológico-ministerial, a Bíblia não pode ser desconsiderada ou esquecida. O alicerce da fé e do trabalho acadêmico, eclesial e pastoral não pode ser mudado e relativizado. Os teólogos não apenas vinculados mas comprometidos com Deus e com a igreja devem ter a Bíblia como autoridade e princípio de fé e prática. Nessa perspectiva, “toda teologia tem de ser fiel à totalidade da revelação de Deus em Cristo”,⁴ em seu ministério, crucificação e ressurreição.

Devido à totalidade da revelação e do próprio Ser que se revela e se manifesta, Deus, a teologia não pode ficar distanciada da realidade histórica, repelida da igreja e nem circunscrita apenas à academia. “O teólogo trabalha com a certeza de que sua condição de compreensão do universo é aceitar submeter seu saber e suas dúvidas ao crivo da Sabedoria de Deus, ‘escândalo para judeus e loucura para os pagãos’ (I Cor. 1.23)”.⁵ Enfatiza-se, então, que o sentido primeiro de se fazer teologia está em glorificar a Deus e convidar homens e mulheres a uma caminhada de fé, amor ao próximo e serviço aceitável ao Criador.

O teólogo que pensa e faz teologia a partir do paradigma escriturístico e da dinâmica da realidade mundo-vida não se isola num gabinete e muito menos num espaço eclesial como se fossem torres de marfim. No tempo em que vivemos, não há mais lugar para o pensamento e o conhecimento teológicos que são produzidos isoladamente, distante da igreja, longe do povo e sem o encontro diário com Deus. Essa teologia, por não ser isolacionista, se coloca a serviço de Deus e da igreja, para a transformação de toda e qualquer realidade.

O teólogo, nessa condição, assume um papel diferenciado: ser, por experiência, um “mediador entre a Palavra Revelada, a cultura”⁶ e os seres humanos, objeto maior do amor divino. O espaço e tempo para se pensar e fazer teologia é ao lado de Deus, junto com o povo e alicerçado na Bíblia, a Palavra de Deus revelada. Sem Deus, sem

³MACARTHUR, John. **Manual bíblico**. Uma meticulosa pesquisa da Bíblia, livro a livro, elaborada por um dos maiores teólogos da atualidade. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2015. p. 14.

⁴BONINO, José M. Universalidade e contextualidade em teologia. In: **Cuadernos de teologia**, Buenos Aires: Isedet, v. XVI, n. 1 e 2, 1997. p. 89.

⁵GOMES, Antônio Maspoli de Araújo. Teologia: ciência e profissão. In: GOMES, Antônio Maspoli de Araújo. (Org.) **Teologia: ciência e profissão**. São Paulo: Fonte Editorial, 2007. p. 32.

⁶GOMES, 2007, p. 35.

sua Palavra e aquilo que Ele mesmo quiser revelar, sua vontade e propósito, não se pode conhecer a Deus e fazer teologia.

Nessa perspectiva, a teologia não tem um fim em si mesma e não pode assumir uma natureza meramente academicista e intelectualista e nem se reduzir ao plano especulativo. “O Deus uno nos é conhecido não especulativamente, mas existencialmente. [...] Mas, ele não é um objeto que possamos conhecer a partir do exterior. Ele só pode ser conhecido no amor com que vem a nós”.⁷ Contrapondo à visão exclusivamente acadêmica especulativo-intelectualista, faz-se necessário à teologia a afirmação do paradigma escriturístico.

Essa afirmação tem o seu reverso e significa que a Bíblia é, de fato, o paradigma da teologia, já que deste livro-fonte advém nossas convicções de fé.

Não há luz interior ou revelação acrescida às que já foram dadas e que estão contidas na Escritura. [...] O Espírito de fato guia os indivíduos em assuntos de conduta e serviço, mas não na formulação de doutrina que possa ser sobreposta à Palavra de Deus. Nenhuma autoridade relativa à formação de verdade jamais foi entregue à Igreja ou a homens além da que foi dada aos escritores do Novo Testamento.⁸

Em outras palavras, a teologia é associada à Bíblia tanto quanto a teologia é conexas à Bíblia. Teologia e Bíblia são interdependentes e uma não pode ser subtraída da outra. Essa interdependência entre teologia e Bíblia e vice-versa afirma não só a necessidade da fé, mas também da devoção, do pensar e da reflexão teológica. “O ser humano tem que pensar mesmo se for o mais piedoso dos cristãos sem qualquer educação teológica”.⁹ A boa e verdadeira teologia, se assim se pode declarar, é um assunto tanto do coração quanto da mente e do pensamento.

Não se faz teologia cristã sem a Bíblia, sem os caminhos da memória, da afetividade e de uma leitura e avaliação atenta e criteriosa daquilo que acontece no presente, no aqui e agora. É por isso que fazer teologia não é somente nostalgia e nem retorno estéril ao que já foi “dito”, repetindo o discurso daqueles que nos precederam na história. A Palavra de Deus necessita de uma história que a acolha e de palavras nas quais possa habitar e viver. Se assim não for, a Palavra divina ecoa no vazio, impossibilitada de comunicar-se ao ser humano e de gerar sentido para a vida.¹⁰

⁷ TILLICH, Paul. *História do pensamento cristão*. São Paulo: ASTE, 2007. p. 60.

⁸ CHAFER, Lewis Sperry. *Teologia sistemática*. São Paulo: Hagnos, 2003. v. I e II, p. 57-58.

⁹ TILLICH, 2007, p. 18.

¹⁰ FORTE, Bruno. *A teologia como companhia, memória e profecia: introdução ao sentido e ao método da teologia como história*. São Paulo: Paulinas, 1991. p. 75.

Nesse sentido, a Teologia, somente se associada e conectada à Bíblia, é que tem confiabilidade para tratar do Absoluto, do Definitivo e do Eterno. À teologia cabe um papel indispensável de perscrutar, refletir e sistematizar a experiência do “indizível”, do absoluto e do “incondicionado”, que ousadamente podemos nomear, chamando-o Deus. Tudo que se diz de Deus, no entanto, é simbólico, pois Ele está para além de todo conceito e de todo nome. É esta a tarefa inalienável da teologia.

Mesmo que o tema central da teologia seja Deus, em grande parte a preocupação primeira da teologia deve ser o provisório e temporal - em especial o ser humano, obra-prima da criação, e sua existência na história e no aqui e agora. “Muitas vezes, o ponto de partida da reflexão teológica é a existência histórica, concreta, e às vezes trágica, do ser humano que pensa”.¹¹ Na perspectiva da teologia, o reconhecimento da condição humana significa, por um lado, a afirmação de Deus como Pai e, por outro, que a existência é um dom e que o ser humano é uma criatura-filho completamente dependente do Criador.

Ressalta-se, no entanto, que estudar ou fazer teologia não implica necessariamente ruptura completa e cabal com métodos e procedimentos de estudo. O problema da Teologia, o qual também está relacionado à reflexão teológica, não é em si o rigor metodológico e a sistematicidade acadêmica. Nesse sentido, a Teologia deve ser vista como a interpretação e a explanação metódica dos conteúdos da fé cristã, cuja fonte principal é a Bíblia.¹² O exagero da racionalidade e a quase divinização da razão na teologia, e isto é por demais paradoxal, impedem que os olhos vejam a Bíblia como um tesouro inesgotável.

O problema da teologia, que é também a sua maior crise, é o distanciamento e o abandono do fundamento bíblico, por um lado, e a atitude e a conduta secularizada, por outro. Soma-se a isto a ausência de uma pertença religiosa-eclesial e comunitária profunda de quem lida com a teologia, pensa e produz o saber teológico. Igrejas sem Bíblia e sem teologia, e há muitas por aí, têm convicção deficitária, vulgarizam a fé e cometem desvios, gerando fanatismo, superstição e mercantilismo religioso.

A Teologia deve ter seus conteúdos balizados e avaliados pela Bíblia, já que o conteúdo central de ambas é Deus e seu relacionamento com as obras criadas. Esse conteúdo, por ser fundamental à vida, à fé e à igreja, não permite que a teologia e também o teólogo assumam um horizonte excludente. A teologia que faz jus ao seu

¹¹ MARTINS, Jaziel Guerreiro. Pós-modernidade e teologia. In: *Via Teológica*, Curitiba: Faculdade Teológica Batista do Paraná, n. 7, jun. 2003. p. 77.

¹² TILLICH, Paul. *Teologia sistemática*. São Paulo: Paulinas, 1984. p. 33 e 37.

próprio nome e que se pauta na Bíblia não pode padecer do mal da exclusão, seja o da supressão, seja o de omissão. Não importa quem exclui, o que, como e quando acontece a exclusão, pois, quanto a isso, a Palavra de Deus nos julga.

A Teologia que assume o paradigma escriturístico para dialogar com a realidade não pode mais ser entendida com uma ciência ensimesmada, acabada e definitivamente alheia ao que acontece na e com a vida, com o ser humano e especialmente com o povo de Deus. A teologia que prioriza a Escritura não está voltada para si própria, não se contamina com secularização e nem se fecha em si mesma. Portanto, teologia não é só abstração, pois quando “fala” de Deus o faz a partir não da impessoalidade e sim da pessoalidade, “... como alguém que é, que fala, que vê, que atua, que ama”.¹³

Há dois aspectos essenciais à teologia e à fé cristã. O primeiro diz respeito ao agente da Revelação, que é o próprio Deus, um ser pessoal que revela a si mesmo em amor, dando-nos a sua Palavra: “Revelação progressiva e adaptada à progressiva capacidade humana de recebê-la em períodos e contextos diferentes, de conformidade com a sábia pedagogia divina”.¹⁴ O segundo aspecto refere-se ao ser humano, a quem Deus se revela, o qual deve se colocar como ouvinte e praticante da Palavra.

O ouvinte e praticante da Palavra somente terá sido alcançado pela Revelação quando a Palavra de Deus converter-se em uma diferença piedosa e humanizadora em sua vivência diária. Assim, pode-se enfatizar que a compaixão é o grau máximo de nossa prática de piedade.¹⁵ E é essa diferença que deverá se constituir, quer para o teólogo, quer para o fiel da igreja, numa possibilidade não só de guardar o depósito da revelação, mas de pensar a teologia e, principalmente, de se tornar, na caminhada da fé, um novo ser, uma nova criatura.

Quanto à ideia de preservação do depósito da revelação, vale o alerta de Juan Luiz Segundo: “... a pretensão de somente conservar o depósito da revelação é uma das melhores maneiras de lhe ser infiel, de corrompê-lo, de traí-lo. Porque é uma maneira por demais cômoda de ser fiel”.¹⁶ É por isso que o novo ser em Cristo, cidadão do Reino de Deus e amante da Palavra e da teologia, coloca-se a serviço de Deus para implementar o Reino, o que vai se concretizando pela obediência piedosa da Palavra e pelo serviço em prol da salvação e humanização de todo ser humano e do ser humano todo.

¹³ STAFF, Frank. *Teologia del Nuevo Testamento*. Buenos Aires: Casa Bautista de Publicaciones, 1985. p. 17.

¹⁴ REIS, Francisco Mancebo. *Além da razão: rendição ao sobrenatural*. Betim: Nova Visão, 2010. p. 37.

¹⁵ PINTO, Ênio Caldeira. Refletindo sobre a relação entre educação e teologia. In: *Revista Reformator*, Londrina: Centro Universitário Filadélfia, v. I, 2013. p. 60.

¹⁶ SEGUNDO, Juan Luis. *O dogma que liberta: fé, revelação e magistério*. São Paulo: Paulinas, 2000. p. 13.

2. A PIEDADE CRISTÃ E O PARADIGMA ESCRITURÍSTICO

Na Bíblia, a ideia de piedade tem várias acepções e sentidos. Contudo, a aceção e o sentido que mais se destacam são aqueles relacionados à virtude operante, ou seja, à retirada do fiel de uma condição estática e cômoda diante de Deus e dos homens no que tange à prática do bem. Mas essa virtude operante da piedade não se efetiva sem conhecimento da Escritura, sem o relacionamento com Deus, o serviço ao próximo e a prática dos valores do Reino. “O Deus da Escritura não pode ser separado de seu plano que é o Reino. Somente aprofundando a realidade do Reino é que sabemos como encontrar Deus e viver em sua presença”.¹⁷

Na visão protestante, a piedade mantém estreita relação com a verdade divina que é revelada nas Escrituras (*Sola Scriptura*), que está disponível ao povo de Deus sem qualquer intermediação (*Sola Gratia, Sola fide*). As Escrituras representam a história do passado e demonstram como Deus agiu e se manifestou, no tempo histórico, em direção ao ser humano, objeto primeiro do seu amor. Por um lado, as Escrituras mostram como Deus agiu em prol do ser humano. Por outro, indicam que o ser humano precisa voltar-se a Deus, converter-se e ser reconciliado com o Criador.

A fé cristã afirma que Deus se revelou ao mundo. Não fomos nós que chegamos à verdade sobre Deus e sobre o ser humano, mas foi Deus que nos conduziu a ela. [...] Revelação que não nos leva à conversão constante, mudança/aprimoramento constante das nossas vidas, não é revelação no sentido cristão.¹⁸

Na piedade, não há separação entre conhecimento da Palavra e relacionamento com Deus, pois ambos são necessários para o serviço no Reino e ao próximo. Em se tratando de piedade, apenas o conhecimento ou somente o relacionamento é irrelevante. É preciso, dessa forma, que os dois juntos sejam traduzidos em afetos, amizade e serviço, de modo a atingir o coração e a totalidade da vida humana. Pode-se enfatizar que o “amar a Deus com todo o coração, alma e forças, e ao próximo como a nós mesmos” é, de fato, a concretização de todo conhecimento da Palavra e de todo relacionamento com Deus.

Nessa direção, o pressuposto fundamental da piedade é a vida convertida, o que inclui a fé, o relacionamento com Deus e a vida justa e solidária, como serviço a Deus e serviço amoroso a todo ser humano, a quem a Bíblia denomina “próximo”. “Nesse sentido, declarar a existência de Deus implica em (*sic*) conhecê-lo, amá-lo e servi-

¹⁷ LIBANIO, J. B. Gustavo Gutiérrez. São Paulo: Loyola, 2004. p. 29.

¹⁸ SUNG, Jung Mo. *Sementes de esperança: a fé em um mundo em crise*. Petrópolis: Vozes, 2005. p. 72 e 73.

lo”,¹⁹ o que deve estar em sintonia com a prática das boas obras, sem abrir mão da fé. Não existe, portanto, à luz do paradigma escriturístico, piedade verdadeira sem o exercício da ética, das boas obras e da fé.

Para mim, a piedade está conectada ao sentido integral do desenvolvimento de nossas vidas. Logo após a conversão, a vida ganha o status de ‘nova’ (2 Cor 5:17), de ‘sensatez’ (bom senso) e de ‘justiça’ (verdade e liberdade). A fé em Cristo patrocina o nosso entendimento e atitude acerca da prática da piedade. Ser piedoso é agir fielmente com o compromisso dos deveres, é ser consciente do ministério confiado, é ser soldado em combate.²⁰

Outro sentido da piedade é apresentado por Paulo. Escrevendo ao jovem Timóteo a respeito da piedade, o apóstolo afirmou: “*Evidentemente, grande é o mistério da piedade*”. Utilizando-se a palavra “mistério”²¹ (do grego μυστήριον - segredo revelado), a afirmação paulina não indica a piedade (εὐσέβεια) como “... algo misterioso, oculto, e, sim, um segredo aberto, uma verdade divina que, embora antes oculta, agora foi revelada”.²² O mistério se relaciona, portanto, a algo maravilhoso e espetacular que foi manifestado, isto é, os eventos da vida daquele que se encarnou, fazendo-se humano, o Cristo de Deus.

A ênfase dada no texto, por Paulo, é que Deus no tempo certo decidiu se revelar, se “descobrir” e fazer do “mistério” algo acessível e compreensível, de modo que o ser humano, por meio da piedade, pudesse agradecer a Deus. O “mistério da piedade” está relacionado à vida e à história de Jesus Cristo em toda a sua completude e extensão. Em outras palavras, Jesus Cristo, o Filho de Deus, deixou sua glória, manifestou-se em carne, tomou a forma de servo, fazendo-se igual aos homens. Esse era o mistério que estava escondido e que foi revelado.

O mistério diz respeito à encarnação, vida, ministério, morte, ressurreição e glorificação do Filho de Deus. “A noção trinitária de Deus é posta em evidência e insiste-se no papel ativo de Deus que entrega o Filho por nós na cruz. A cruz torna-se o símbolo dos acontecimentos presentes, símbolo do modo como Deus age no mundo e para o mundo”.²³ Nesta perspectiva, mistério não é algo escondido, enigmático,

¹⁹ CASTRO, Clovis Pinto de. *Por uma fé cidadã: a dimensão pública da igreja. Fundamentos para uma pastoral da cidadania*. São Paulo: Loyola; São Paulo: UMEESP, 2000. p. 93.

²⁰ PINTO, 2013, p. 59.

²¹ Paulo usa a palavra “mistério” num sentido diferente dos pagãos e dos gnósticos, que em seu misticismo acreditavam superar todo o mistério pelo processo iniciativo ou de iniciação.

²² CHAMPLIN, Russel Norman. *O Novo Testamento interpretado versículo por versículo*. São Paulo: Hagnos, 2003. v. V, p. 316.

²³ CRUZ, Eduardo Rodrigues da. *A dupla face: Paul Tillich e a ciência moderna. Ambivalência e salvação*. São Paulo: Loyola, 2008. p. 200.

encoberto e inacessível, pois está associado à pessoa de Cristo, a Revelação de Deus, plenamente divino, plenamente humano. É o Emanuel, o Deus filho, o Deus presente, próximo de nós. “O Deus que Paulo pregava era o do Antigo Testamento e da revelação cristã, o Deus ‘desconhecido’ e, contudo, tão próximo”.²⁴

Isso significa que a palavra “mistério” designa a revelação manifestada e o cumprimento do grande desígnio redentor de Deus por meio de Jesus Cristo.

Particularmente pelo ministério de Paulo, ‘o mistério que estivera oculto dos séculos e das gerações’ foi desvendado em toda a sua plenitude - o ministério que, como ele disse aos colossenses, estava resumido na mensagem: ‘Cristo em vós [crentes gentios assim como judeus], a esperança da glória’. Em outras palavras, ele mesmo se considerava escolhido pela graça celestial para que o propósito salvador de Deus, concebido em Cristo antes de todos os mundos, pudesse ser feito eficaz em Cristo...²⁵

Em Paulo, a base do grande mistério da piedade é o Cristo, Aquele que morreu pelos pecados da humanidade, segundo a Escritura, o que mantém correspondência “... a uma ênfase antiga na história do evangelho, ênfase essa que se pode reconhecer em cada área do ensino do Novo Testamento...”.²⁶ Nesse sentido, não só a piedade, mas também a sabedoria cristã são conhecimentos de um grande mistério, a revelação de Deus. Em outras palavras, o que se quer realçar é que a Escritura e a cristologia constituem a base sólida da piedade cristã.

Piedade, do grego εὐσεβεία (*eusebeia*), significa “reverência, respeito, fidelidade a Deus, religiosidade”. Jesus é o mistério que nos faz fiéis a Deus em meio a um mundo tão difícil como o de hoje, como Paulo sinaliza aos Colossenses: “O mistério que estivera oculto dos séculos e das gerações; agora, todavia, se manifestou aos seus santos; aos quais Deus quis dar a conhecer qual seja a riqueza da glória deste mistério entre os gentios, isto é, Cristo em vós, a esperança da glória”.²⁷ Certamente, ninguém pode tirar de nós essa esperança, esse grande mistério.

A conexão entre piedade e Escritura, na prática, é que torna “o homem” virtuoso e capaz de realizar serviços aceitáveis a Deus. Portanto, a indissociabilidade entre piedade e Escritura permite a compreensão da natureza divina e o estilo de vida que agrada ou não a Deus. Por isso, a piedade deve ser vista como um elemento central do Reino de

²⁴ CERFAUX, Lucien. *O cristão na teologia de Paulo*. Santo André: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2015.

²⁵ BRUCE, F. F. *Paulo: o apóstolo da graça, sua vida, cartas e teologia*. São Paulo: Shedd, 2003. p. 83.

²⁶ BRUCE, 2003, p. 83.

²⁷ Colossenses 1.26-27.

Deus e que tem a ver com a busca e a prática da verdade que a Escritura apresenta.

A associação entre piedade e Bíblia pode ser constatada em Calvino. O reformador de Genebra via nos textos dos Salmos, por exemplo, uma preparação para a piedade cristã, elemento vital e estruturante da vida.

Além do mais, ainda que os Salmos estejam repletos de todo gênero de preceitos que servem para estruturar nossa vida a fim de que a mesma seja saturada de santidade, de piedade e de justiça, todavia eles principalmente nos ensinarão e nos exercitarão para podermos levar a cruz; e levar a cruz é uma genuína prova de nossa obediência, visto que, ao fazermos isso, renunciamos a liderança de nossas próprias afeições e nos submetemos inteiramente a Deus, permitindo-lhe nos governar e dispor de nossa vida segundo os ditames de sua vontade, de modo que as aflições que são as mais amargas e mais severas à nossa natureza se nos tornem suaves, porquanto procedem dele.²⁸

A piedade “toca” e “mexe” com a vida toda, isto é, com a vida humana na sua integralidade: emoções, afeições, fraquezas e limitações. Considerando este importante aspecto, a piedade que está em consonância com a Bíblia possibilita que ofereçamos a Deus, o Senhor, o que há de mais precioso em nós. Além disso, pela piedade o Pai nos atrai e nos chama a apresentarmos o coração, acessível e aberto, para uma avaliação e um exame: *“Sonda-me, ó Deus, e conhece o meu coração, prova-me e conhece os meus pensamentos. Vê se há em mim algum caminho mau e guia-me pelo caminho eterno”* (Sl 139.23-24).

A piedade que é balizada pela Escritura e que agrada a Deus diz respeito à ruptura com o caminho perverso e à obediência e seguimento do caminho eterno. Na prática, essa piedade é serviço cristão desinteressado, afetuoso e sem qualquer visão imediatista e utilitarista. No paradigma escriturístico, a piedade não tem o papel de solucionar problemas, promover cura e “abençoar” financeiramente o fiel. Essa não é a lógica da piedade bíblica; é a lógica impiedosa do sistema capitalista, da sociedade e da religião de marketing e de mercado.

Hoje há disputa de fiéis pela via da persuasão ou mesmo da sedução. Transfere-se para o indivíduo as escolhas religiosas que antes cabiam à família, ao grupo e à cultura. E ele decide à base das vantagens que os produtos oferecem. A disputa do marketing se trata a respeito da pequena margem de maior ou menos utilidade em termos de bem-estar, estética e de preço que o produto oferece. E esse mesmo esquema tem invadido o universo das crenças.²⁹

²⁸ CALVINO, João. *O livro dos Salmos*. São Paulo: Paracletos, 1999. v. 1, p. 36.

²⁹ LIBANIO, J. B. *Qual o futuro do cristianismo?* São Paulo: Paulus, 2006. p. 131.

Nesse contexto, há pouco espaço para uma piedade voltada a Deus, ao próximo e à comunidade de fé. A piedade passa a ser da ordem da individualidade, imperando aspectos individualistas e subjetivistas, impulsionados pelo mercado, marketing e consumo. A piedade e principalmente a religião funcionam e dão respostas “preferencialmente às necessidades e aspirações dos indivíduos”.³⁰ Isso indica que a piedade bíblica, a que trilha o caminho da santidade, do relacionamento e serviço a Deus e ao próximo, perdeu aquela situação de privilégio, deixando de ser prioridade para muitos.

Por isso, para resgatarmos o verdadeiro sentido da piedade e ressignificarmos a sua prática é necessário voltar-se à Bíblia e reafirmar a importância e a centralidade do paradigma escriturístico. Em outras palavras, sem a Escritura, que é revelação de Deus, a piedade e também a teologia ficam destituídas de identidade própria. Em contrapartida, reafirmar a Bíblia como alicerce da piedade cristã não significa uma vivência espiritual “pobre, fria e seca”, sem frutos, e um exagero na ortodoxia, o que empobrece o exercício piedoso da fé cristã.

A piedade, nesta perspectiva, mostra sua originalidade e consistência ao se fundamentar nas Escrituras. Mostra seu nexos com a vida e a comunidade de fé ao enveredar-se pelo itinerário da práxis, assumindo o amor e o serviço a Deus e ao ser humano como centralidade do pensamento, da fé e da ação piedosa. No horizonte do pensamento situa-se a denúncia de tudo que é contrário à vontade de Deus, que é “boa, agradável e perfeita”. No horizonte da fé, é anúncio da vida sobre a morte. E no horizonte da ação piedosa é prática da comunhão, do amor e da solidariedade afetiva, que são, na verdade, o sentido, a essência e a razão de ser da piedade cristã.

3. TEOLOGIA E PIEDADE: ALÉM DA POLARIDADE E DA AMBIVALÊNCIA

A teologia e a piedade têm na revelação de Deus, conforme registrado na Bíblia, a sua centralidade e o seu conteúdo. Por isso, teologia e piedade lidam com Deus, com o conhecimento de Deus e com a experiência íntima com Deus. No que tange ao conhecimento de Deus, que é o conhecimento da verdade, o caminho da plenitude é a busca de equilíbrio entre teologia e piedade. É impossível fazer teologia fora da experiência pessoal com Deus e da vivência piedosa.

Essa piedade, no entanto, não pode ser arrogante, presunçosa e autossuficiente.

³⁰ LIBANIO, J. B. *As lógicas da cidade: o impacto sobre a fé e sob o impacto da fé*. São Paulo: Loyola, 2002. p. 54.

Uma piedade que se manifesta com estas características não é bíblica e nem é fruto de uma teologia escriturística. Uma piedade que se caracteriza pela arrogância, presunção e autossuficiência é jactanciosa, humana e profundamente solipsista, pois tem menos de Deus e de sua Palavra e mais da natureza meramente humana. Para Betto, o solipsismo³¹ é um grave desvio espiritual e uma distorção da verdadeira piedade e também da teologia bíblica. O piedoso não faz de si mesmo guia, mas se apegar a Jesus, Sua vida e Seu ensino como único guia e modelo.

Teologia e piedade, e cada uma à sua maneira, referem-se à necessidade humana de voltar-se humildemente para Deus e também à capacidade que o ser humano tem de relacionar-se com Deus e de conhecê-lo cada vez mais. Fazer teologia e pensar teologicamente não se dão em separado da amizade com Deus. Assim, teologia e piedade são relacionais e possuem um caráter teológico-dialogal. Sem esses pressupostos, a teologia e a piedade correm sérios riscos, não só da polaridade e ambivalência, mas de se tornarem irrelevantes e obsoletas no atual contexto religioso.

Com efeito, pode-se enfatizar que a fé, o relacionamento pessoal com Deus e a capacidade de experimentar o ser divino constituem a raiz mais profunda dos processos que envolvem a teologia e a piedade. São nessas vivências que residem o coração da teologia e da piedade cristã. É por isso que não pode haver polaridade ou ambivalência entre elas. O que ocorre, na verdade, é que a piedade deve preceder a teologia, dar-lhe extensividade e enraizamento na comunidade de fé. O que precisamos, de fato, é que a teologia e a piedade sejam mais espirituais.

Precisamos de uma teologia mais espiritual, que nos desperte para um relacionamento pessoal e verdadeiro com Deus. Em outras palavras, uma teologia e uma linguagem teológicas que nos apontem o caminho da oração. [...] Que seja mais pessoal, afetiva e comunitária, e não apenas acadêmica. Para isso ela precisa ser mais espiritual. Não significa espiritualizar a teologia, mas reconhecer sua pessoalidade e o significado da encarnação. [...] A encarnação tira a teologia da prateleira e a coloca no coração, na mente, nos relacionamentos, na vida, nas decisões, nos afetos, nas paixões, nas escolhas, enfim, em tudo.³²

A teologia e a piedade cristãs são inseparáveis, pois, na perspectiva cristã, ação e reflexão/teoria e prática são interdependentes e têm sua base firmada nas Sagradas

³¹ BETTO, Frei. A crise da racionalidade e a emergência do espiritual. In: BETTO, Frei; BOFF, Leonardo. *Mística e espiritualidade*. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 79.

³² BARBOSA, R. O que é espiritualidade? In: BOMILCAR, N. (Org.). *O melhor da espiritualidade brasileira*. São Paulo: Mundo Cristão, 2005. p. 18.

Escrituras. Portanto, teologia e piedade são e devem ser radicalmente bíblicas e centralizadas em Deus. Isso significa que a teologia não pode operar somente pela intelectualização da fé, objetividade doutrinal e racionalização da Escritura. A piedade, da mesma forma, não pode operar pela prática religiosa rotineira, irrefletida, superficial e centralizada no templo e no culto.

Uma teologia que é escriturística e cristocêntrica, ao mesmo tempo, tem espaço para a prática e a reflexão a respeito da piedade. Devido à indissociabilidade entre teologia e piedade, as duas juntas trabalham a mente e o coração do “crente piedoso”, o que deve se traduzir num estilo de vida simples, humilde e comprometido com Deus e com sua Palavra. Piedade, nesse sentido, é um enraizamento triplo: em Deus, em sua Palavra e em nós mesmos. O objetivo desse enraizamento é, por um lado, o rompimento com o círculo vicioso, ora do ativismo, ora do comodismo religioso e, por outro, o aprofundamento da intimidade com Deus.

Nessa perspectiva, não é qualquer teorização sobre Deus que é teologia cristã. “A teologia cristã pressupõe absoluta e unicamente a revelação bíblica...”³³ Não é qualquer prática piedosa que corresponde à teologia cristã e mantém coerência com as Escrituras. Nesse aspecto, a falta de coerência entre teologia, piedade e a Palavra de Deus, bem como a ausência do equilíbrio saudável entre elas, podem redundar em crenças e práticas não só superficiais, mas supersticiosas, abusivas e até manipulativas.

Incontáveis são os devotos que permeiam de supranatural suas crenças, indo até ao uso abusivo do excelso nome de Deus. Em contrapartida, elevado percentual de céticos deslumbra-se somente com as seduções criadas pelo engenho humano. Uns põem Deus em tudo, outros excluem Deus de tudo. Fanatismo e humanismo; fé sem racionalidade e racionalidade sem fé.³⁴

O jeito equilibrado, sem polaridade e ambivalência, é o jeito certo de se pensar, de fazer teologia e de praticar a piedade cristã. Este é o modo que agrada a Deus, pois além de romper com os exageros existentes, baliza-se nas Escrituras e ainda garante dinâmica e vitalidade tanto à teologia quanto à piedade. Nesse sentido, a piedade cristã deve ser vivida, e quem sabe, possa ser medida da porta da igreja para fora e não da porta da igreja para dentro.

Piedade pode ser, por um lado, sinônimo de vida íntima com Deus e, por outro, de vida relacional, criativa e inteligente com o próximo, visando parcerias

³³ ALENCAR, Gedeon. *Protestantismo tupiniquim: hipóteses sobre a (não) contribuição evangélica à cultura brasileira*. São Paulo: Arte Editorial, 2005. p. 107.

³⁴ REIS, 2010, p. 10.

transformadoras. Piedade na perspectiva da vida íntima com Deus não significa a prática de uma fé mágica, de um consumo religioso particular e que se limita à esfera da intimidade subjetivista. Como sintetiza Zilles,³⁵ a falta de conhecimento teológico, não raro, pode conduzir a piedade a um mero e desenfreado sentimentalismo religioso. “É fácil compreender que uma religião desse tipo não representa ajuda, nem produza qualquer efeito moral”,³⁶ pois além de tornar-se degenerada, perde o “mistério vivo”.

Piedade é a descoberta e o exercício dos dons, da vocação e a construção de projetos espirituais e existenciais de serviço a Deus, ao seu Reino e à humanidade. Nesse aspecto, a teologia e a piedade precisam ter a mesma direção: Deus e o ser humano.

A piedade como resultado de nosso relacionamento com Deus deve ter o seu reflexo concreto dentro de casa, sendo revelada por meio do tratamento que concedemos aos nossos pais e irmãos [...] Nunca nosso trabalho, por mais relevante que seja, poderá se tornar um empecilho para a ajuda aos nossos familiares. A genuína piedade é caracterizada por atitudes condizentes com Deus (reverência) e para o nosso próximo (fraternidade).³⁷

É a aliança entre vida íntima com Deus e vida criativa, inteligente, relacional e operante que permite a superação de toda e qualquer polaridade entre teologia e piedade. É também essa aliança que dá relevância pastoral, comunitária, acadêmica e pública à teologia e à piedade. Assim, o encontro entre teologia e piedade, sem qualquer polaridade e ambivalência, significa um compromisso de pensar inteligentemente nossa teologia, de assumir a esperança como projeto de vida e de, em qualquer situação, deixar o Todo-Poderoso agir e fazer a vontade dEle.

Dessa maneira, a piedade cristã é, ao mesmo tempo, um serviço de adoração a Deus e uma prática de amor acolhedor e solidário ao próximo. A piedade, se fundamentada nas Escrituras e alimentada pela teologia bíblica, se efetiva numa forma concreta de encarnar o Cristo e de viver o evangelho sob o poder e a orientação do Espírito Santo. Sendo assim, com efeito, se eliminará qualquer polaridade e ambivalência entre teologia e piedade, já que ambas são pensadas e praticadas num compromisso de libertação para si mesmas e também para quem as vivencia e para quem por elas é alcançado.

O objetivo da teologia e da piedade é simples, singelo e muito especial: conhecer a Deus como Ele é. Teologia e piedade, sem polarização e sem ambivalência, são mais do que conhecer sobre Deus ou ser informado sobre o Deus da teologia. Teologia e

³⁵ ZILLES, Urbano. *Crer e compreender*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p. 202.

³⁶ JUNG, C. G. *Psicologia e religião*. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 49.

³⁷ COSTA, Hermisten Maia Pereira da. Teologia e piedade: por uma teologia comprometida. In: *Fides Reformata On Line*, Instituto Presbiteriano Mackenzie, v. XV, n. 2, 2010. p. 71.

piedade são conhecimento do próprio Deus, um ser divino, uma pessoa, um Senhor, que se comunica conosco por meio das Escrituras, no mistério e na profundidade do seu amor. Como enfatiza Souza, o agir daquele que se revela tem apenas uma regra: “seu amor livre e gratuito”.³⁸

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Parece haver consenso entre os teólogos a respeito da necessidade de uma harmonização entre teologia e piedade, e que o cristianismo, em sua vertente protestante-evangélica, seja mais espiritual e menos racionalista, mais piedoso e menos abstrato. O consenso indica para um cristianismo enraizado na experiência pessoal do “crente” com o seu Deus e com as Escrituras. Neste contexto, há uma insistência, e esta é positiva, na imprescindível superação da polarização e da ambivalência entre teologia e piedade, uma vez que se reconhece que a separação foi prejudicial para a fé cristã.

A polarização e ambivalência existente entre teologia e piedade provocaram ao longo da história um déficit na Igreja, tanto na ordem da reflexão teológica quanto na ordem da devoção, oração e serviço de amor a Deus e às suas criaturas. Esse déficit é espiritual para Clodovis Boff,³⁹ pois a igreja renegou a piedade ao plano secundário, passando a ocupar-se mais dos problemas burocráticos e administrativos. Hoje, sabemos que o que deve modelar a vivência eclesial-comunitária não é a estrutura e nem a administração da igreja. É o acontecimento-chave, ou seja, a experiência com Deus e com Sua Palavra que modelam a fé e a vivência eclesial e comunitária.

A igreja, neste contexto, e pelo próprio enfraquecimento espiritual, assumiu um discurso de cunho doutrinário e moralista, o que ocasionou o embotamento do espírito de liberdade proposto e alcançado pela Reforma Protestante. A piedade, além de ser confundida com moralismo e defesa de doutrina, distanciou-se do paradigma escriturístico. Com isso, a piedade deixou de ser um relacionamento teologicamente orientado do “crente” para com Deus em sua devoção, reverência, santidade e serviço amoroso a Deus e ao próximo.

A piedade é, portanto, uma relação teologicamente orientada do homem para com Deus em sua devoção, recolhimento à oração, reverência e serviço. É também

³⁸ SOUSA, Ricardo Barbosa de. *O caminho do coração: ensaios sobre a Trindade e a espiritualidade*. Curitiba: Encontro, 2004. p. 44.

³⁹ BOFF, Clodovis. *Perspectivas da experiência religiosa para o novo milênio*. In: ANJOS, M. F. dos (Org.). *Sob o fogo do Espírito*. São Paulo: Paulinas, 1998. p. 303-344.

uma recusa à dispersão perante os muitos e variados interesses que a vida secular possibilita, cuja tônica é uma fé sem ação e obras. Teologia e piedade, sem polaridade e ambivalência, são expressões da caminhada diária com Deus. São experiências de leituras, reflexões e conhecimento da Bíblia, Palavra revelada, sem as quais é impossível fazer teologia cristã.

Teologia e piedade são resultados dos vários encontros com Deus, os quais envolvem a totalidade da existência, incluindo o coração, os sentimentos, a inteligência, a razão, a imaginação e a oração. “Nossa intimidade com Deus nos leva a conhecê-lo de maneira pessoal, e não com os termos definidos pela teologia ou pela liturgia oficial, mas pelas palavras do coração transformado por Cristo que, guiado pelo Espírito Santo, fala a linguagem de Deus”.⁴⁰

Em outras palavras, teologia e piedade são uma espécie de “mergulho” em Deus, cujo espaço e tempo são mais qualitativos do que quantitativos. Com esse “mergulho” descobre-se algo fundamental a respeito da teologia e da piedade, que em Tillich se concretiza prioritariamente na união com Deus. “Não se chega mais perto de Deus trabalhando-se mais pela igreja, ou mortificando-se o próprio corpo, mas apenas e unicamente ao se unir com ele. E se alguém não se une a Deus permanece separado dele”.⁴¹

Nesse aspecto, o teólogo torna-se piedoso e o piedoso torna-se teólogo e servidor do Deus da história. Os dois, independentemente de sua atribuição, se acadêmica ou pastoral, mantêm os olhos abertos e as mãos operosas, realizando eficazmente o que, de fato, agrada a Deus. O teólogo e o piedoso, por estarem comprometidos com a teologia e a piedade e estas sintonizadas com o paradigma escriturístico, assumem corajosamente a tarefa e a missão de denunciar qualquer expressão religiosa do culto e do puro louvor sem a mediação do amor ao próximo, a Deus e a si mesmo.

A relação entre teologia e piedade é um processo de integração entre teologia e vida, coração e mente, crença e compreensão, fé e obras. Portanto, fazer teologia e vivenciar a piedade - seja a partir da coesão existente entre elas, seja a partir do paradigma escriturístico - significam que estamos comprometidos com Deus, o Reino de Deus e a justiça. Vale ressaltar, então, que a teologia e a piedade em qualquer segmento religioso, quando separadas da revelação e do paradigma escriturístico, não passam de uma ideologia.

⁴⁰ GUIMARÃES, Lúcio. **Chamado à espiritualidade**: conceitos e práticas de espiritualidade cristã. Rio de Janeiro: Convicção, 2009. p. 95.

⁴¹ TILLICH, 2007, p. 229.

Pensar a teologia e a piedade não mais pelo prisma da polaridade e da ambivalência é, de fato, um grande desafio, e este por duas razões importantes. A primeira, porque adota-se a Bíblia como o paradigma fundamental da teologia e da piedade numa época em que se afirma não haver mais verdades absolutas e nem metanarrativas plausíveis e válidas. A segunda razão se deve ao fato de que no protestantismo tornou-se comum separar a teologia da piedade, estudo teológico da devoção e o teólogo do pastor.

A época de hoje, no entanto, com sua nova gramática existencial, está propiciando uma nova leitura da realidade, o que tem nos ajudado a rever nossas antigas e velhas disjunções, polarizações e ambivalências. Essa nova gramática existencial representa uma reavaliação crítica dos modos modernos de pensamento, com suas rígidas dicotomias. Indica também que tudo aquilo que foi compreendido e tratado como estando separado, dividido, divorciado e desintegrado, pode ser revisto e reinterpretado. É isto que deve acontecer com a teologia e com a piedade cristã.

Dessa perspectiva, a relação e a pertinência entre teologia e piedade devem ser revitalizadas, pois são o caminho para o conhecimento da Palavra de Deus, a prática do evangelho e a descoberta do caráter dinâmico da verdade eterna. Na prática, a revitalização significa associar ao estudo teológico o conhecimento, mas também a sabedoria bíblica, a oração, a fé, a prudência, o serviço e o amor ao próximo. Somente assim, com a integração entre teologia, piedade, amor, justiça, serviço e uma experiência profunda com Deus, é que se torna possível a superação da atual crise religiosa de líderes, igrejas e denominações.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Gedeon. **Protestantismo tupiniquim: hipóteses sobre a (não) contribuição evangélica à cultura brasileira**. São Paulo: Arte Editorial, 2005.

BARBOSA, Ricardo. O que é espiritualidade? In: BOMILCAR, N. (Org.). **O melhor da espiritualidade brasileira**. São Paulo: Mundo Cristão, 2005.

BETTO, Frei. A crise da racionalidade e a emergência do espiritual. In: BETTO, Frei; BOFF, Leonardo. **Mística e espiritualidade**. Petrópolis: Vozes, 2014.

BOFF, Clodovis. Perspectivas da experiência religiosa para o novo milênio. In: ANJOS, M. F. dos (Org.). **Sob o fogo do Espírito**. São Paulo: Paulinas, 1998.

BONINO, José M. Universalidade y contextualidade em teologia. In: **Cuadernos de teologia**. v. XVI, n. 1 e 2. Buenos Aires: Isetet, 1997.

BRUCE, F. F. **Paulo: o apóstolo da graça, sua vida, cartas e teologia**. São Paulo: Shedd, 2003.

CALVINO, João. **O livro dos Salmos**. São Paulo: Paracletos, 1999. v. 1.

CASTRO, Clovis Pinto de. **Por uma fé cidadã: a dimensão pública da igreja. Fundamentos para uma pastoral da cidadania**. São Paulo: Loyola; São Paulo: UESP, 2000.

CERFAUX, Lucien. **O cristão na teologia de Paulo**. Santo André: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2015.

CHAFER, Lewis Sperry. **Teologia sistemática**. São Paulo: Hagnos, 2003. v. I e II.

CHAMPLIN, Russel Norman. **O Novo Testamento interpretado versículo por versículo**. São Paulo: Hagnos, 2003.

COSTA, Hermisten Maia Pereira da. Teologia e piedade: por uma teologia comprometida. In: **Fides Reformata On Line**. Instituto Presbiteriano Mackenzie, v. XV, n. 2, 2010.

CRUZ, Eduardo Rodrigues da. **A dupla face: Paul Tillich e a ciência moderna. Ambivalência e salvação**. São Paulo: Loyola, 2008.

FORTE, Bruno. **A teologia como companhia, memória e profecia: introdução ao sentido e ao método da teologia como história**. São Paulo: Paulinas, 1991.

GOMES, Antônio Maspoli de Araújo (Org.). **Teologia: ciência e profissão**. São Paulo: Fonte Editorial, 2007.

GUIMARÃES, Lúcio. **Chamado à espiritualidade: conceitos e práticas de espiritualidade cristã**. Rio de Janeiro: Convicção, 2009.

JUNG, C. G. *Psicologia e religião*. Petrópolis: Vozes, 2011.

LIBANIO, J. B. *Qual o futuro do cristianismo?* São Paulo: Paulus, 2006.

_____. *As lógicas da cidade: o impacto sobre a fé e sob o impacto da fé*. São Paulo: Loyola, 2002.

_____. *Gustavo Gutiérrez*. São Paulo: Loyola, 2004.

MACARTHUR, John. *Manual bíblico: uma meticulosa pesquisa da Bíblia, livro a livro*, elaborada por um dos maiores teólogos da atualidade. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2015.

MACKINTOSH, Hugh R. *Teologia moderna: de Schleiermacher a Bultmann*. São Paulo: Novo Século, 2002.

MARTINS, Jaziel Guerreiro. Pós-modernidade e teologia. In: *Via Teológica*. Faculdade Teológica Batista do Paraná, n. 7, jun. 2003.

PINTO, Ênio Caldeira. Refletindo sobre a relação entre educação e teologia. In: *Revista Reformatio*. Revista eletrônica do Curso de Teologia da Unifil. Londrina: Centro Universitário Filadelfia, 2013. v. I.

REIS, Francisco Mancebo. *Além da razão: rendição ao sobrenatural*. Betim: Nova Visão, 2010.

SEGUNDO, Juan Luis. *O dogma que liberta: fé, revelação e magistério*. São Paulo: Paulinas, 2000.

SOUSA, Ricardo Barbosa de. *O caminho do coração: ensaios sobre a Trindade e a espiritualidade*. Curitiba: Encontro, 2004.

STAFF, Frank. *Teología del Nuevo Testamento*. Buenos Aires: Casa Bautista de Publicaciones, 1985.

SUNG, Jung Mo. *Sementes de esperança: a fé em um mundo em crise*. Petrópolis: Vozes, 2005.

TILLICH, Paul. *Teologia sistemática*. São Paulo: Paulinas, 1984.

_____. *História do pensamento cristão*. São Paulo: ASTE, 2007.

ZILLES, Urbano. *Crer e compreender*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.



A Revista Batista Pioneira está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional